

# *Estudos métricos em Saúde Coletiva:* um olhar sobre a produção científica brasileira indexada nas bases de dados internacionais

I<sup>1</sup> Rosane Abdala Lins, <sup>2</sup> Maria Cristina Soares Guimarães,  
<sup>3</sup> Fernando Antônio Pires-Alves, <sup>4</sup> Cícera Henrique da Silva I

**Resumo:** A Saúde Coletiva é apontada como um movimento comprometido com a transformação social de saúde. Seus marcos conceituais são apresentados como um domínio de conhecimento interdisciplinar e um universo de práticas. Como tal, os desafios para seguir sua dinâmica como área de conhecimento são enormes e complexos. A análise quantitativa da literatura científica pode trazer importantes contribuições para uma melhor compreensão da área. Este artigo fornece uma visão geral dos trabalhos originais brasileiros sobre estudos bibliométricos da literatura em Saúde Coletiva. Os dados foram coletados nas bases de dados Web of Science, Scopus e LILACS. Os resultados foram descritos de acordo com as principais variáveis bibliométricas, com especial atenção para a visibilidade de ambas as expressões "saúde coletiva" e "saúde pública". A maioria da literatura publicada tende a ser descritiva, em vez de avaliativa.

► **Palavras-chave:** Saúde Coletiva; cienciométrica; Brasil.

<sup>1</sup> Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Rio de Janeiro-RJ, Brasil. Endereço eletrônico: rosane.abdala@icict.fiocruz.br

<sup>2</sup> Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Rio de Janeiro-RJ, Brasil. Endereço eletrônico: cristina.guimaraes@icict.fiocruz.br

<sup>3</sup> Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro-RJ, Brasil. Endereço eletrônico: fpiresalves@gmail.com

<sup>4</sup> Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Rio de Janeiro-RJ, Brasil. Endereço eletrônico: cicera.henrique@icict.fiocruz.br

Recebido em: 26/12/2014  
Aprovado em: 18/06/2015

## Introdução

Mais do que um termo novo ou diferente, a Saúde Coletiva é apontada como uma invenção brasileira, “um campo de encontro com os movimentos de renovação da saúde pública institucionalizada, seja como campo científico, seja como âmbito de práticas, e mesmo como atividade profissional” (PAIM; ALMEIDA FILHO, 1998, p. 301). Trata-se de um campo científico em construção, com acúmulos teóricos e reflexões epistemológicas, aberto a novos paradigmas, e um âmbito de práticas informadas por valores que prezam a democracia, a emancipação e a solidariedade (PAIM, 2007).

A partir da fundação da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), em 1979, e segundo registros da avaliação trienal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), a Saúde Coletiva tem-se mostrado em expansão e em processo de consolidação, com aumento de cursos de pós-graduação e de novos cursos de graduação, como formas de responder às demandas de saberes próprios e específicos que a área requer. Registra-se, ainda, seu fortalecimento como espaço multiprofissional e interdisciplinar, que toma como objeto as necessidades sociais de saúde e que envolvem várias práticas. Esta área tende a ultrapassar as fronteiras disciplinares tanto no campo teórico como no âmbito de práticas (VIEIRA-DA-SILVA; PAIM; SCHRAIBER, 2014; PAIM; ALMEIDA FILHO, 2000).

De forma consistente com alguns dos modelos propostos para descrever o desenvolvimento da ciência (MULLINS, 1973; MULKAY, 1975), a produção científica relacionada à Saúde Coletiva cresceu e ganhou mais visibilidade, especialmente representada pelo aumento no número de periódicos especializados e consequente crescimento da quantidade de artigos científicos publicados no tema.

Sendo considerada ainda uma “área nova”,<sup>1</sup> existe o interesse em conhecer seu comportamento como uma especialidade científica emergente, e acompanhar seu desenvolvimento, para que se entendam suas orientações de pesquisa em consonância com suas bases epistemológicas. Porém, são muitos os desafios que se colocam para acompanhar seu comportamento como área do conhecimento, principalmente por ser considerada interdisciplinar e multiprofissional, mas também porque seu saber não se restringe ao conhecimento científico, mas a tantos outros saberes (PAIM; ALMEIDA FILHO, 2000).

A própria visibilidade da área, em termos de produção do conhecimento, é colocada em xeque, uma vez que há pouco cuidado no registro do termo “saúde coletiva” em lugar de “saúde pública”, como muito bem observam Vieira-da-Silva, Paim e Schraiber (2014, p. 3):

Tratando-se de uma área nova, nem sempre há uma preocupação em distingui-la da Saúde Pública. Por outro lado, observa-se que diversas instituições e programas de pós-graduação e graduação pertencentes à área da Saúde Coletiva têm nomes diferentes, como Instituto de Medicina Social, Departamento de Medicina Preventiva, Escola Nacional de Saúde Pública, Mestrado em Saúde Comunitária ou Instituto de Saúde Coletiva.

As análises métricas, ou os estudos quantitativos da ciência, colocam-se como dimensão importante para iluminar alguns desses desafios, dado seu foco na descrição de como se dá a dinâmica da ciência a partir da análise da literatura científica. Tomada como área do conhecimento ou especialidade científica,<sup>2</sup> é possível identificar temáticas próprias, oriundas de autores e instituições que situam e orientam, pelo menos em teoria, os novos caminhos e interrogações que o campo traz para dialogar com a saúde e seus vários enquadramentos.

Os periódicos científicos são considerados peças fundamentais nessa perspectiva, pois são o principal canal por onde escoia a produção científica, especialmente o artigo científico, apontado e reconhecido como principal testemunho da cientificidade de um domínio de produção de conhecimento.

Os periódicos científicos nasceram como veículos de comunicação para ligar pessoas, instituições e ideias, e se tornaram a principal fonte para analisar a evolução e dinâmica do conhecimento científico. O surgimento de periódicos também chancela a aprovação de novas disciplinas, pois polariza um assunto e representa um ato de solidariedade entre os membros de uma comunidade científica. Em relação ao estabelecimento de prioridade e reconhecimento acadêmico, é a publicação em um periódico científico, com avaliadores qualificados, o *peer review*, que é universalmente aceita (MUELLER, 1995; 2000; ZIMAN, 1969; 1979).

Diante de tanta importância para o meio acadêmico e para as atividades científicas, os periódicos, e mais especificamente os artigos neles publicados, tornaram-se objetos de estudo para fins diversos, permitindo explicitar a estruturação de um espaço de prática específico e idiossincrásico, na perspectiva de uma comunidade científica com seus temas/objetos de pesquisa e abordagens metodológicas, o que acaba por conferir características particulares ao processo

de comunicação científica, ou seja, hábitos e práticas de comunicação formal e/ou informal, preferência por uso de fontes e tipologia de informação, práticas de citação, dentre outras.

São muitos os desafios que envolvem a quantificação da atividade científica e que podem comprometer os resultados obtidos, desde a fonte escolhida para recuperação dos dados referenciais até sua análise e, especialmente no caso da Saúde Coletiva, a análise quantitativa é às vezes muito contestada por pesquisadores da área, por ser reduzida aos números e não levar em conta aspectos qualitativos. O que se discute não é o reconhecimento da importância de se medir e avaliar a ciência, mas a forma como se tem feito, como aponta Camargo Jr. (2013, p. 1.708):

A avaliação da produção científica é indispensável, já que parte fundamental de seu financiamento provém de fundos públicos, especialmente no Brasil. Tanto para decidir sobre a alocação de tais recursos como certificar-se de seu bom uso exigem alguma avaliação.

Em artigo anterior, o autor já havia criticado a ênfase dada aos indicadores bibliométricos, mas ressaltava a importância da avaliação da produção de conhecimento, por entender que publicar é parte fundamental da ciência (CAMARGO JR., 2010).

O peso dos indicadores quantitativos, e como eles são calculados; a própria recuperação dos dados, que depende do escopo das bases de dados na qual estão inseridos; o contexto específico de cada disciplina com suas características sociais e intelectuais; a escolha do periódico onde publicar os resultados de pesquisa, a qual está para além da vontade pessoal dos pesquisadores, pois é moldada não só pela qualidade e quantidade de periódicos locais, mas também pelas orientações tecidas no processo de avaliação em curso no país. Enfim, são muitos os fatores que influenciam a atividade científica e seus resultados, não podendo ser, de forma alguma, reduzidos à objetividade dos números, principalmente quando se pensa em médias e agrupamentos, deixando de lado os diversos contextos e perdendo sua individualidade.

Um aspecto importante da recuperação dos dados, especificamente para a Saúde Coletiva, é a visibilidade de sua produção científica que está registrada nos principais periódicos da área, que, pela política dos periódicos, segue a lógica legitimada, nacional e internacionalmente, de usar o termo “Saúde Pública”, o que pode acarretar sérias distorções nesta análise.

A premissa é que a recuperação de dados e a análise da literatura se tornem mais complexas quando se pensa no uso do termo “Saúde Coletiva” em lugar de “Saúde Pública” como estratégia de busca, dado que o uso do segundo é, indubitavelmente, majoritário na literatura. Em outras palavras, aquela produção científica que faz uso do descritor<sup>3</sup> “Saúde Coletiva” pode se tornar “invisível”, ou subsumida pelo descritor “Saúde Pública”, termo que impera nas linguagens documentárias e na política de indexação dos periódicos e bases de dados referenciais.

Apesar dos limites aqui elencados, as métricas da produção científica são importantes e necessárias pelo menos como uma *proxy* para acompanhar a dinâmica da ciência segundo suas áreas/campos de conhecimento, atuando como guia importante para as políticas públicas de ciência e tecnologia, além de contribuir para o próprio exercício reflexivo de uma comunidade epistêmica, explicitando e atestando como a especialidade tem evoluído.

Com o objetivo de conhecer e acompanhar o desenvolvimento da Saúde Coletiva como um campo disciplinar emergente, alguns estudos foram realizados, como o de Nunes (1999), que fez uma revisão dos trabalhos que tiveram como foco a produção científica em Saúde Coletiva no Brasil. O autor ressalta a importância desses estudos, que têm como objetivo sistematizar, analisar e subsidiar discussões em Ciência e Tecnologia. Dentre seus principais achados estão os trabalhos de Viacava e Ramos (1997) e o de Minayo (1997), os quais destacaram o crescimento da produção científica em Saúde Coletiva, nas diversas tipologias e em diferentes fóruns, como apresentações em congressos, artigos, livros e capítulos de livros. O mesmo autor destaca, ainda, que a cientometria e a sociologia da ciência podem contribuir na análise da Saúde Coletiva: “*Many important theories that exist in the field of scientometrics and sociology of Science should be recovered and used in the analysis of Collective Health*” (NUNES, 1999, p. 166).

De fato, Caponi e Rebelo (2005) e Viacava e Ramos (1997) corroboram essa perspectiva apontando que, no caso específico da Saúde Coletiva, estes estudos quantitativos podem ajudar a acompanhar sua evolução e o seu desenvolvimento.

Minayo (1998; 2010) analisou o desempenho da pós-graduação em Saúde Coletiva nos períodos entre os anos de 1994 a 1997 e 1997 a 2007, com o objetivo de acompanhar o desenvolvimento da Saúde Coletiva com foco nos cursos de pós-graduação, onde apontou avanços na área, mas também ressaltou seus limites e desafios.

Muitos estudos já foram realizados com o objetivo de olhar para a área, focados em bolsas de produtividade, programas de pós-graduação, perfil dos periódicos, padrão de produção científica, todos relacionados à Saúde Coletiva, preocupados na avaliação e no conhecimento de uma área abrangente, complexa e que ultrapassa as fronteiras disciplinares. Esses estudos ainda esperam por um olhar qualitativo, integrador, que possibilite uma leitura do desenvolvimento e dinâmica do campo. Entretanto, importa, no presente trabalho, um olhar descritivo sobre os mesmos. Assim, o que se propõe neste artigo é identificar e sistematizar esses estudos quantitativos prévios, de autoria de pesquisadores brasileiros, que buscaram descrever a Saúde Coletiva com o foco na produção científica, com o objetivo de evidenciar algumas características dessa especialidade, assim como o uso e visibilidade do termo “saúde coletiva” em relação à “saúde pública”.

## Metodologia

Para descrever a produção científica sobre Saúde Coletiva com base nos estudos métricos, buscou-se identificar os artigos com este foco, que tinham, pelo menos, um autor brasileiro (ou vinculado a uma instituição de pesquisa brasileira).

A coleta de dados foi realizada em três bases de dados: Scopus, Web of Science (WoS) e Literatura Latinoamericana em Ciências da Saúde (Lilacs), sendo que as duas primeiras foram consultadas via Portal da Capes; no caso da Lilacs, a consulta foi feita via Bireme. Estas bases foram escolhidas não só pela reconhecida excelência e cobertura, mas sobretudo por contemplarem a afiliação profissional de todos os autores do trabalho, o que garante a identificação de pesquisadores brasileiros como coautores dos artigos. A PubMed, ainda que reconhecida sua importância no campo, não foi incluída pelo fato de, no momento da pesquisa, indexar a afiliação institucional somente do primeiro autor, o que poderia excluir autores brasileiros. Esta situação só mudou a partir de 2014, quando as múltiplas afiliações foram adicionadas (NCBI, 2014).

A estratégia de busca visou contemplar termos relativos aos estudos métricos e às áreas da Saúde Coletiva e Saúde Pública, além da Medicina Social, termo também utilizado por alguns autores da área. Nas bases WoS e Scopus, foram utilizados todos os termos em inglês: *bibliometrics*, *scientometrics* e *scientific production*, combinados com *collective health*, *public health* e *social medicine*. Já na Lilacs foram utilizados todos os termos listados acima em português. Os

operadores booleanos (OR, AND) foram utilizados para compor esta estratégia. A busca nas bases de dados foi realizada nos campos “título”, “palavras-chave” e “resumo”. Não houve qualquer restrição de período nas buscas.

Seguida a recuperação dos dados, foi realizada a etapa de tratamento dos mesmos, de forma a possibilitar a análise. Assim, as referências recuperadas foram importadas para um *software* de mineração de texto, *VantagePoint* (VP). Para cada uma das três fontes consultadas foi criado um arquivo de dados que foi importado para o VP que, em seguida, foram agrupados. A partir disto, seguiram-se as seguintes etapas: remoção de trabalhos duplicados, ou seja, aqueles que estavam em mais de uma base de dados; exclusão dos trabalhos que não possuíam nenhum autor com afiliação brasileira; exclusão dos trabalhos cujas temáticas estavam fora do escopo deste artigo; e a desambiguação dos dados que foram tratados em relação à padronização dos nomes dos autores, das instituições e do país.

Cumpridas essas etapas, foram gerados relatórios síntese sob várias perspectivas, tais como os autores dos trabalhos e suas instituições, o período de tempo que esses estudos se concentraram e as principais temáticas.

A seguir, estão apresentados os principais resultados encontrados.

## Resultados e discussão

Foram recuperados 450 trabalhos, distribuídos entre os anos 1983 e 2013. No cenário mundial, o primeiro trabalho registrado nas bases de dados que este estudo contemplou foi publicado em 1983 e, desde então, há registros de publicações anuais sobre o tema, em tendência crescente, especialmente a partir de 1999.

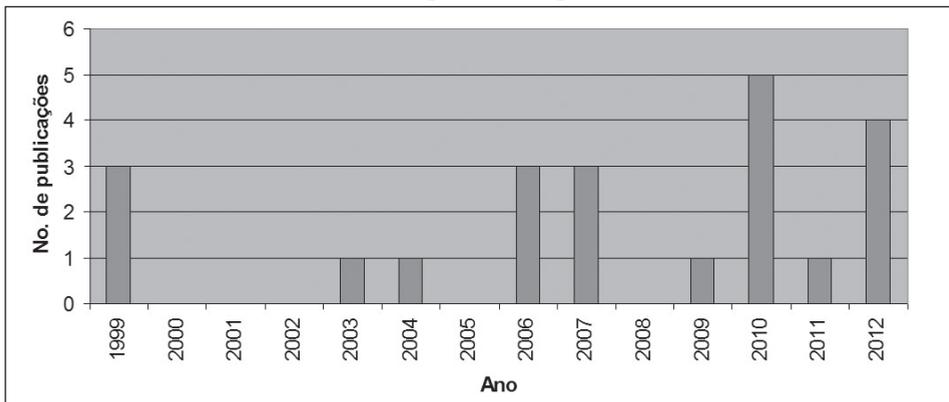
Deste total, após a retirada dos trabalhos duplicados e a certificação de pelo menos um autor com afiliação brasileira, chegou-se a uma amostra de 69 trabalhos, ou seja, cerca de 15% do total da produção recuperada. O primeiro registro de um artigo brasileiro foi em 1999, ano que, no cenário internacional, marca um novo patamar de crescimento da literatura científica no tema. Nesse ano foram publicados três artigos, sendo dois deles na *Scientometrics* e um nos *Cadernos de Saúde Pública* (CSP). As instituições dos autores dos estudos publicados na *Scientometrics* foram a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e o Instituto Dante Pazzanese. No caso dos CSP, foi a Fundação Oswaldo Cruz.

Na etapa seguinte, os resumos dos 69 trabalhos foram lidos para identificar se os mesmos estavam de acordo com a temática desejada, ou seja, se estavam

relacionados com os estudos métricos para descrever a área da Saúde Coletiva e/ou Saúde Pública. Como 47 deles não tinham este foco, foram retirados do estudo. O foco dos 47 artigos era mais específico, tais como estudos sobre a produção científica relacionados com saúde bucal, meio ambiente, biossegurança e saúde mental, e não descreviam o “campo” da Saúde Coletiva e/ou Saúde Pública. Chegou-se, então, a um conjunto de 22 referências que representam a produção nacional no tema e constituem a amostra discutida no presente artigo.

A distribuição temporal desses trabalhos ao longo do período 1999-2013 é bastante irregular (gráfico 1), cobrindo até três anos sem nenhuma publicação no tema e um máximo de cinco artigos publicados em 2010. Uma premissa para essa irregularidade pode ser o interesse eventual despertado pelo tema na comunidade científica. Outro dado relevante para entender essa distribuição, e que corrobora a premissa acima, vem da constatação que menos de 25% dos autores brasileiros que compõem a amostra analisada possuem linhas de pesquisa registradas no Currículo Lattes relacionadas à avaliação da produção científica e tecnológica.

**Gráfico 1.** Quantidade de trabalhos publicados por ano



Fonte: elaboração própria.

O total de artigos nacionais publicados está distribuído entre sete periódicos diferentes, sendo cinco nacionais, que acolhem 82% dos artigos, e dois internacionais, cobrindo 18% dos artigos. Essa distribuição corrobora estudos prévios que reconhecem perspectivas e interesses de pesquisa mais locais que internacionais, com reflexos claros nos periódicos e idioma que os artigos são publicados.

Os dois periódicos nacionais com maior número de trabalhos publicados são os dois mais antigos da área: *Revista de Saúde Pública*, criada em 1967, com seis artigos, e *Cadernos de Saúde Pública*, criado em 1985, com sete artigos. Ambos os periódicos são vinculados às instituições que possuem cursos de pós-graduação em Saúde Coletiva, quais sejam, a Faculdade de Saúde Pública/Universidade de São Paulo e a Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/Fundação Oswaldo Cruz, respectivamente. O periódico *Ciência & Saúde Coletiva*, lançado em 1996, com três trabalhos publicados, é vinculado à Abrasco, reconhecida como o berço da Saúde Coletiva (NUNES, 2005; VIEIRA-DA-SILVA; PAIM; SCHRAIBER, 2014). O número de trabalhos publicados por periódico está detalhado no quadro 1, a seguir:

**Quadro 1.** Quantidade de trabalhos publicados por periódico e instituição

Periódico	Quantidade de trabalhos	Vinculação institucional
Cadernos de Saúde Pública	7	Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (Fiocruz)
Revista de Saúde Pública	6	Faculdade de Saúde Pública (USP)
Ciência & Saúde Coletiva	3	Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco)
Scientometrics	3	Springer Netherlands (Editora privada)
Physis	1	Instituto de Medicina Social (UERJ)
Proceedings of ISSI 2009 <sup>4</sup>	1	International Society of Scientometrics and Informetrics Conference (ISSI)
Saúde e Sociedade	1	Universidade de São Paulo

Fonte: elaboração própria.

Tanto os *Cadernos de Saúde Pública* como a *Revista de Saúde Pública* apresentam uma distribuição mais regular ao longo do período estudado (tabela 1). Em relação aos *Cadernos de Saúde Pública*, no ano de 2007 apresentou três

artigos publicados sobre o tema, todos no mês de dezembro, quando a seção Fórum se dedicou aos estudos sobre artigos científicos, citações e avaliação de periódicos científicos. Já os três artigos da *Revista de Saúde Pública* foram todos publicados em um número especial, cujo tema era “Produção e comunicação científica em saúde pública”.

**Tabela 1.** Distribuição dos trabalhos por periódicos ao longo dos anos

Periódicos	1999	2003	2004	2006	2007	2009	2010	2012
Cadernos de Saúde Pública	1	1	1	-	3	-	-	1
Revista de Saúde Pública	-	-	-	3	-	1	1	1
Ciência & Saúde Coletiva	-	-	-	-	-	-	3	-
Scientometrics	2	-	-	-	-	-	1	-
Physis	-	-	-	-	-	-	-	1
Proceedings of ISSI 2009 -	-	-	-	-	-	1	-	
Saúde e Sociedade	-	-	-	-	-	-	-	1

Fonte: Elaboração própria

Sobre as afiliações institucionais, os autores dos trabalhos pertencem a 13 instituições distintas. As que se destacaram por sua frequência foram a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e a Universidade de São Paulo (USP) com cinco cada uma, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com quatro, a Universidade Estadual de Campinas e a Universidade Federal do Rio de Janeiro com três, e a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo e a Universidade Federal de Pelotas, com dois trabalhos. Todas as outras instituições tiveram apenas um trabalho (tabela 2).

**Tabela 2.** Distribuição dos trabalhos por afiliação institucional dos autores

<b>Afiliação Profissional dos Autores</b>	<b>Total de trabalhos</b>
Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)	5
Universidade de São Paulo (USP)	5
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	4
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)	3
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	3
Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo	2
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)	1
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)	1
Instituto Dante Pazzanese Cardiologia	1
Instituto de Saúde da Secretaria de Estado de São Paulo	1
Universidade Estadual Paulista (UNESP)	1
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)	1
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	1

Fonte: elaboração própria.

Deste conjunto de instituições, dez são universidades, três são instituições de ensino e pesquisa. Todas possuem Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, com exceção do Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia, que é uma Entidade Associada da Universidade de São Paulo (USP), e que oferece o Programa de Pós-Graduação em Medicina/Tecnologia e Intervenção em Cardiologia, curso Doutorado (INSTITUTO DANTE PAZZANESE DE CARDIOLOGIA, 2014).

Trata-se, portanto, de instituições importantes que participaram da estruturação da Saúde Coletiva por meio de seus cursos de pós-graduação, como destacado por Lima e Santana (2006, p. 11):

No final da década de 1970, momento da criação da Abrasco, verificava-se o início do processo de institucionalização no Brasil da abordagem da Saúde Coletiva [...] A base acadêmica desse processo começava também a se consolidar, ainda que de modo incipiente, com os cursos de pós-graduação em Saúde Coletiva que, naquele momento, encontravam-se nos *campi* de São Paulo e Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP), no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/Uerj), na Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/Fiocruz), na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Em relação aos autores dos trabalhos, o número total foi de 40, apresentando trabalhos com autoria única e em autoria múltipla. No último caso, todos os autores têm afiliação institucional brasileira. Interessante observar que, a partir de 2006, começam a surgir trabalhos com autoria múltipla, tendo sido observada a existência de artigo com até cinco autores (tabela 3).

**Tabela 3.** Quantidade de autores por tipo de autoria

<b>Tipo de Autoria</b>	<b>Quantidade de Trabalhos</b>
Única	12
2 autores	06
3 autores	01
4 autores	02
5 autores	01

Fonte: elaboração própria.

Surpreendentemente, não foi possível fazer uma descrição das temáticas dos trabalhos publicados por insuficiência de dados. Como anteriormente apontado, as temáticas dos trabalhos seriam inferidas a partir da análise das palavras-chave atribuídas aos mesmos. Nas bases de dados estudadas, existem três tipos de palavras-chave: palavras-chave (*keywords*), palavras-chave do autor (*keywords author's*) e palavras-chave “plus” (*keywords plus*). Ocorre que, no total dos 22 artigos recuperados, observou-se que estes campos são pouco preenchidos pelas bases. A tabela a seguir mostra o valor relativo de preenchimento de cada um destes campos, além do quantitativo de ocorrência dos termos que se referem à Saúde Coletiva ou Saúde Pública.

**Tabela 4.** Dados da frequência do preenchimento do campo “palavra-chave”

Tipos de Palavras-chave	Percentual de Preenchimento (%)	Ocorrência dos termos	
		Saúde Coletiva	Saúde Pública
Palavras-chave	27	1	11
Palavras-chave do autor	54	-	9
Palavras-chave "Plus"	40	-	1

Fonte: elaboração própria.

Este é um registro importante porque o campo “palavra-chave” da base de dados é padronizado pela instituição responsável pela produção da mesma. Ou seja, as bases de dados decidem como indexar os artigos segundo seus vocabulários e linguagens documentárias próprias. A exceção é a base Lilacs, que utiliza o DECS (Descritores em Ciências da Saúde). De forma clara, há a possibilidade de que a política de indexação de uma base de dados imprima um viés na escolha de um ou outro termo, produzindo (in)visibilidades de temáticas nos campos disciplinares. Seguiu-se, então, a leitura dos títulos e resumos dos 22 artigos, com vistas a identificar a visibilidade do termo “saúde coletiva”, especialmente em relação ao uso do termo “saúde pública” (tabela 5).

Os termos foram contabilizados lendo-se o título e o resumo em português e na versão em inglês. Importante enfatizar que título e resumo são produções livres dos autores, sem possibilidade de interferência das bases de dados. Por isso, os nomes de periódicos não foram considerados neste quantitativo, pois o objetivo era ver a utilização livre dos termos “saúde coletiva” e “saúde pública”. Em alguns títulos e resumos, não aparecem nenhum dos dois termos.

**Tabela 5.** Utilização dos termos “Saúde Coletiva” e “Saúde Pública” no Título e no Resumo dos trabalhos

Seção do trabalho	Saúde Coletiva		Saúde Pública	
	Português	Inglês	Português	Inglês
Título	10	05	02	11
Resumo	29	18	7	25

Fonte: elaboração própria.

Chama a atenção o fato de que, no título, o termo “saúde coletiva” é mais utilizado em português do que na versão em inglês. Inversamente, quando o trabalho é escrito em língua inglesa, o termo “saúde pública” (“*Public Health*”) é mais utilizado. Isto é devido à preferência dos autores, quando fazem a versão para a língua inglesa, por “*public health*” em vez de “*collective health*”. Mantido o entendimento que essa é uma escolha do autor, causa estranheza a opção por “*Public Health*”, ou seja, isto sugere que o termo “saúde coletiva” parece ser mais utilizado e conhecido nacionalmente, por isso a preferência pelo “*Public Health*”. Este fato também acontece no resumo, porém com menor frequência.

Outro fato interessante é que o termo composto “saúde pública/saúde coletiva”, ou vice-versa, é utilizado em alguns trabalhos como sinônimos, sem problematizar, como já mencionado por Vieira-da-Silva, Paim e Schraiber (2014, p. 3): “Tratando-se de uma área nova [Saúde Coletiva], nem sempre há a preocupação em distingui-la da Saúde Pública.”

Ainda sobre o uso do termo “saúde coletiva”, é interessante observar a nomeação dos cursos de pós-graduação: a Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, da Fiocruz, e a Faculdade de Saúde Pública da USP, utilizam no nome de seus cursos de doutorado e mestrado o termo “Saúde Pública”. Já o Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) possui curso de mestrado acadêmico e doutorado em “Saúde Coletiva”. A Abrasco, que nasceu com a proposta de congregar todos estes cursos, imprimiu no próprio nome, como também no nome de seu periódico, o termo “Saúde Coletiva”.

Todo esse movimento de visibilidade e/ou invisibilidade do termo “Saúde Coletiva”, como aqui sumariamente discutido, tem um grande potencial de acarretar distorções no mapeamento e análise do desenvolvimento desse novo campo do conhecimento quando em sua perspectiva quantitativa. Por certo, não são os números, simplesmente, que podem contar a história de uma nova especialidade, mas, sem eles, seguramente, muito dessa história pode se perder.

## Considerações finais

Este estudo pôde evidenciar uma pequena amostra do comportamento da produção científica em Saúde Coletiva. Alguns itens destacados ao longo deste trabalho foram em relação:

- ao período de tempo: os trabalhos foram publicados no período de 1999 a 2013, e sua distribuição é irregular ao longo destes anos;
- aos periódicos: as publicações ocorreram em sete periódicos diferentes, sendo cinco deles nacionais e dois internacionais;
- às instituições dos periódicos: os trabalhos foram publicados em alguns periódicos os quais têm um envolvimento com a criação da área de Saúde Coletiva;
- à afiliação institucional do autor: os trabalhos foram publicados por autores pertencentes a 13 instituições diferentes, sendo todas de ensino e pesquisa;
- à autoria: o número total de autores foi de 40, sendo que 12 trabalhos foram realizados por um único autor, e dez em coautoria;
- visibilidade do termo “saúde coletiva”: pelo mapeamento realizado, ambos os termos são utilizados pelos autores dos trabalhos, “saúde coletiva” e “saúde pública”, sendo este último mais utilizado na língua inglesa.

Ressalta-se o fato de este estudo estar limitado aos trabalhos recuperados nas bases de dados Scopus, Web of Science (WoS) e Lilacs, e sendo assim, todo o trabalho foi baseado nos dados apresentados por essas bases. Apesar desse limite, este tipo de estudo é importante e necessário para que se possa acompanhar a produção do conhecimento de um país, e de áreas/campos de conhecimento, uma vez que esta produção está diretamente associada ao seu desenvolvimento.<sup>5</sup>

## Referências

- CAMARGO JR., K. R. de. O rei está nu, mas segue impávido: os abusos da bibliometria na avaliação da Ciência. *Saúde & Transformação Social*, v. 1, n. 1, p. 3-8, 2010.
- \_\_\_\_\_. Produção científica: avaliação da qualidade ou ficção contábil? *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 29, n. 9, p. 1707-30, 2013.
- CAPONI, S.; REBELO, F. Sobre juízes e profissões: avaliação de um campo disciplinar complexo. *Physis: Revista Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 59-82, 2005.
- INSTITUTO DANTE PAZZANESE DE CARDIOLOGIA. Disponível em: <<http://www.idpc.org.br/pos.php?Fuseaction=PosGraduacao&Channel=68&ParentName=detail&ParentID=73>>. Acesso em: 20 out. 2014.
- LIMA, N. T.; SANTANA, J. P. Saúde Coletiva como compromisso. *A trajetória da ABRASCO*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. p. 145-160.
- MINAYO, M. C. S. Pós-graduação em Saúde Coletiva: um projeto em construção. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 2, n. 1/2, p. 53-71, 1997.

\_\_\_\_\_. Rumos e desafios: encerrando um processo de avaliação da Pós-Graduação stricto sensu em Saúde Coletiva (1994-1997). *Revista Ciência e Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 83-94, 1998.

\_\_\_\_\_. Pós-graduação em Saúde Coletiva de 1997 a 2007: desafios, avanços e tendências. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1897-1907, 2010.

MORRIS, A. S.; MARTENS, B. V. DER V. Mapping research specialities. *Annual Review of Information Science and Technology*, v. 42, ed. 1, p. 213-95, 2008.

MUELLER, S. P. M. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (Org.). *Fontes de Informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2000. p. 21-30.

\_\_\_\_\_. O crescimento da ciência, o comportamento científico e a comunicação científica: algumas reflexões. *Rev. Esc. Biblioteconomia*, v. 24, n. 1, p. 63-84, 1995.

MULKAY, M. J. Three models of scientific development. *The Sociological Review*, v. 23, n. 3, p. 509-37, 1975.

MULLINS, N. C. The development of a scientific specialities in Social Sciences: The case of ethnomethodology. *Science Studies*, v. 3, n. 3, p. 245-73, 1973.

NATIONAL CENTER FOR BIOTECHNOLOGY INFORMATION. *PubMed Help*. Disponível em: <[http://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK3827/#pubmedhelp.Affiliation\\_AD](http://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK3827/#pubmedhelp.Affiliation_AD)>. Acesso em: 17 jun. 2014.

NUNES, E. D. A review of research studies conducted on scientific production in collective health in Brazil. *Scientometrics*, v. 44, n. 2, p. 157-167, 1999.

\_\_\_\_\_. Pós-Graduação em Saúde Coletiva no Brasil. *Physis: Rev. Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 13-38, 2005.

PAIM, J. S.; ALMEIDA FILHO, N. de. *A crise da saúde pública e a utopia da saúde coletiva*. Salvador: Casa da Qualidade, 2000.

PAIM, J. S.; ALMEIDA FILHO, N. Saúde Coletiva: uma “nova saúde pública” ou campo aberto a novos paradigmas? *Revista de Saúde Pública*. São Paulo, v. 32, n. 4, p. 299-316, 1998.

PAIM, J. S. Resenha. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 23, n. 10, p. 2521-2522, out. 2007.

VIACAVA, F.; RAMOS, C. L. Difusão da produção científica dos cursos de pós-graduação em Saúde Coletiva. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1/2, p. 142-53, 1997.

VIEIRA-DA SILVA, L. M.; PAIM, J. S.; SCHRAIBER, L. B. O que é Saúde Coletiva. In: PAIM, J. S.; ALMEIDA-FILHO, N. de. *Saúde Coletiva: teoria e prática*. 1 ed. Rio de Janeiro: MedBook, 2014.

ZIMAN, J. Knowledge, information and communication. *Nature*, n. 224, p. 318-324, 1969.

\_\_\_\_\_. *Conhecimento Público*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1979.

## Notas

- <sup>1</sup> Vieira-da Silva, Paim e Schraiber (2014) se referem à Saúde Coletiva com uma “área nova”.
- <sup>2</sup> Morris e Martens (2008, p. 213) definem “especialidade científica” como grupos que estudam o mesmo tema, publicam nos mesmos periódicos, participam das mesmas conferências, e que produzem, ao longo do tempo, um *corpus* acumulado de conhecimento que se traduz em teses, livros e literatura periódica.
- <sup>3</sup> Aqui foi usada a palavra “descriptor” para indicar a utilização do vocabulário Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), que orienta os buscadores de informação nas bases de dados brasileiras coordenadas pelo Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme). Segundo o DECS, o descriptor apropriado para se recuperar a produção científica sobre Saúde Coletiva é “saúde pública”.
- <sup>4</sup> O ISSI foi considerado neste estudo por ser o principal evento científico da área de ciências da saúde.
- <sup>5</sup> R. A. Lins trabalhou em todas as etapas do artigo. M. C. S. Guimarães trabalhou na contextualização do problema, resultados e conclusões. F. A. P. Alves trabalhou na contextualização da Saúde Coletiva nos aspectos históricos. C. H. da Silva trabalhou na etapa metodológica do artigo; planejamento da estratégia de busca, coleta e tratamento de dados; e na revisão final do artigo.

## *Abstract*

### *Metric studies in Collective Health: a look at the Brazilian scientific production indexed in the international databases*

Collective Health is pointed up as a movement committed to the social transformation of health. Its conceptual landmarks are presented both as a domain of interdisciplinary knowledge and a universe of practices. As such, the challenges to follow its dynamics as a subject area are huge and complex. The quantitative analysis of the scientific literature can make important contributions for better understanding of the area. This article provides an overview of Brazilian original papers making bibliometric studies on collective health literature. Data were collected in the databases Web of Science, Scopus and LILACS. The results were described according to the main bibliometric variables, with special attention to the visibility of both the terms "collective health" and "public health". Most of the published literature tends to be descriptive rather than evaluative.

► **Key words:** collective health; scientometrics; Brazil.